

Januário Cicco e o Hipócrates Inglês:

entre miasmas em micróbios.

Gabriel Lopes Anaya¹

Resumo: A abordagem higienista do médico Januário Cicco é descrita pela historiografia que trata da urbanização e saúde pública de Natal como um misto de arcaico e moderno, ou mesmo como um arranjo confuso, uma mistura de miasmas e micróbios, propiciado por uma fase de transição. Por outro lado, também é defendida como puramente moderna por considerar os micróbios e desconsiderar completamente os pressupostos miasmáticos. Esse artigo busca situar as práticas de Januário Cicco para além do binômio miasma/micróbio, sintetizados muitas vezes na historiografia pela tensão modernidade/arcaísmo. Para defender essa posição, o pensamento de Cicco é situado em relação às propostas de reativação de pressupostos hipocráticos no início do século XX, realizados a partir do conceito de *constituição epidêmica* de Thomas Sydenham, médico descrito como o “Hipócrates Inglês”. O estudo é feito a partir de uma análise dos pressupostos empregados nas publicações de Cicco (1920;1928) situando os mesmos na história da epidemiologia e urbanização de Natal.

Palavras-chave: Januário Cicco, Natal, Epidemiologia, História da medicina, História da saúde.

Abstract: The hygienist approach of the doctor Januário Cicco (1881-1952) from Natal-Rio Grande do Norte (Brazil), is described by the historiography concerned with urbanization and public health as a mix of archaic and modern practices, or even as a confused arrangement, a mixture of miasmas and microbes, fostered by a transition phase. On the other hand, is also advocated as purely modern by considering microbes and disregard miasmatic assumptions. This article aims to situate the practices of Cicco beyond the miasma/microbe binome, often synthesized by the historiography as a tension between modernity and archaism. To defend this position, the thought of Cicco is situated in relation to the proposed reactivation of Hippocratic assumptions in the early twentieth century, defined by the epidemic constitution proposed by Thomas Sydenham, physician described as the "English Hippocrates". The study is done from an analysis of the presuppositions employed in Cicco publications (1920;1928) situating them in the history of epidemiology and the history of urbanization of Natal.

Keywords: Januário Cicco, Natal, Epidemiology, History of medicine, History of health.

Januário Cicco and the English Hippocrates:

between miasmas and microbes.

¹ Doutorando da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, bolsista CAPES. E-mail: gabriel.lopez.anaya@gmail.com

Introdução

Em um estudo considerado exemplar, Januário Cicco², no ano de 1920, apresentou um diagnóstico que avaliou a salubridade da Cidade do Natal em uma pesquisa de abrangência inédita³. É na aplicação de seus conhecimentos que Cicco, como afirma Pedro de Lima, “expressa uma visão nacionalista da saúde pública no Brasil [...] uma vez que a questão sanitária se apresenta, para ele, como uma questão política”, pautada nos valores progressistas de ordenação e embelezamento dos espaços urbanos (LIMA, 2003, p. 65).

O trabalho de Januário Cicco (1920; 1928) tornou-se uma importante fonte para diversas áreas do conhecimento que pesquisam os caminhos da urbanização e da história da saúde em Natal. Esse fato justifica a abordagem aqui proposta e o desafio de tentar contribuir com alguma novidade, mesmo que de maneira resumida.

Considerando os escritos de Cicco na produção de fontes, alguns comentários sobre a historiografia ligada à saúde e urbanismo, e uma reflexão sobre o conteúdo da história das ciências biomédicas, o que buscamos perseguir nesse texto é uma ligeira incursão histórica na abordagem higienista de Cicco. Para esse fim, serão problematizadas afirmações historiográficas recentes que situam as práticas desse médico entre uma modernidade microbiana e um arcaísmo miasmático⁴. Essa rápida reflexão busca contribuir para questões históricas acerca das práticas médicas higienistas nas primeiras décadas do século XX em Natal.

Para provocar um início rápido, nada parece mais apropriado do que apresentar seguinte definição feita Pedro de Lima, que analisa as contribuições de Cicco para a cidade de Natal. Tal afirmação deixa clara as fronteiras dos problemas perseguidos na proposta desse artigo: “por sua formação e por sua erudição a teoria dos miasmas não faz nenhum sentido para Januário Cicco. Ao contrário, o autor enfatiza, ao longo do texto, a origem microbiótica e bacilar das doenças” (LIMA, 2003, p. 60).

Para servir de contraponto com outras análises feitas, é necessário indicar que abordagem de Cicco também é dramaticamente descrita como uma retomada de pressupostos médico-sanitários em decadência, adicionados aos avanços pasteurianos modernos que

² Januário Cicco (1881-1952), nascido na cidade de São José do Mipibu-RN, formou-se em 1906 na Faculdade de Medicina da Bahia e começou a atuar como clínico e cirurgião em Natal. Fundou e dirigiu o Hospital da Caridade Juvino Barreto, em 1909, e a Maternidade de Natal, inaugurada em 1950.

³ Trata-se do livro *Como se Higienizaria Natal: algumas considerações sobre o seu saneamento*.

⁴ Remete-se aqui aos pressupostos da teoria pitogênica, miasmática ou aerista. Tais modelos explicativos afirmavam que “as doenças tinham a sua origem na decomposição da sujeira, a qual, absorvida pelo ar, seria dispensada sob a forma de miasma, ou ar poluído, impuro” (LEWINSOHN, 2003, p. 123).

ocorrem, sobretudo, em meio a uma representação de “crise” urbana generalizada, como uma “contraposição a outras idealizações, que contemplavam apenas os signos e exterioridades da civilização burguesa” (DANTAS, 2006, p. 79). O arranjo misto e “confuso” entre miasmas e micróbios também é descrito como uma das resultantes de Natal estar “longe geográfica e mentalmente dos grandes centros europeus” (VIEIRA, 2008, p. 80). Essas considerações são importantes como ponto de partida para que essa tensão entre o arcaico e o moderno se torne mais visível.

Se nas afirmações anteriores se torna necessário situar, senão justificar, a demarcação de dois tempos distintos, ou que pelo menos deveriam ser distintos, no qual é se divide as práticas de saúde entre miasmas e micróbios, é igualmente perceptível a inquietude diante dos “tempos misturados” e da tensão entre tais práticas⁵. Nesse ponto se encontra uma perplexidade promovida pela aparente mistura entre o moderno e o arcaico na abordagem de Cicco, que parece perturbar e forçar, por um lado, um corte purificador preciso entre passado já ultrapassado (miasmas), e um futuro moderno (micróbios). Cicco é posicionando ao lado da modernidade, mas algumas ambiguidades parecem estimular narrativas dramáticas que enfatizam a defasagem da periferia (arcaica), diante de um centro (moderno).⁶

Mas, e se através de uma redescrição histórica mais lenta, um desvio por um caminho mais longo – um atalho não para enquadrar um discurso, mas sim deslizar por um percurso – a abordagem de Cicco pudesse escapar da tensão entre arcaísmo e modernidade? Não vamos avançar nesse artigo rumo a conclusões definitivas, mas sim, uma tentativa de composição ou redescrição das práticas sobre as quais Cicco se debruçava, com o objetivo de complexificar as mesmas e mostrar conexões históricas ainda não realizadas.

“Scienza da vida” e o “Hippocrate Inglês”

A abordagem de Cicco não se deve somente à sua erudição (que era incontestável), mas especialmente em razão da sua identificação com a higiene e educação sanitária. É necessário também observar as influências que o inspiravam nesse âmbito, destacando, dessa

⁵ Compartilho aqui as inquietações de meus interlocutores. O espaço reduzido desse curto texto não permite fazer justiça aos relatos dos colegas historiadores sobre esse tema. Peço que perdoem as simplificações necessárias para expor a proposta aqui pretendida.

⁶ O problema da dicotomia de modelos tomados como “estanques e contrapostos” não é novo na história da medicina. Como propõe Edler (1996, p. 288) a divisão entre os modelos miasmático (metafísico), e o apoiado no paradigma da etiologia específica (científico) cria uma “contraposição que falseia a complexa constelação de problemas práticos e teóricos que envolvia a medicina acadêmica no século XIX”. Não obstante, tais leituras binárias também deslizam em controvérsias históricas sobre a medicina do início do século XX.

maneira, que sua a ênfase na relação entre indivíduos e o meio se ligava a pressupostos em reatualização no período de suas publicações, como veremos.

A abordagem do Dr. Cicco é afinada com seu estudo específico de geografia médica⁷, atenta às condições *mesographycas*⁸ da cidade. Na época em que *Como se higienizaria Natal* (1920) foi publicado, Januário Cicco fez uma divisão da cidade em áreas de abrangência epidemiológica, considerando a climatologia e a topografia, considerando a distribuição “em zonas distintas para os serviços de prophylaxia” (CICCO, 1920, p. 80).

De maneira simultânea, ao adotar uma postura voltada para a coletividade e apreensão do espaço em relação às doenças, Januário Cicco busca os valores morais da educação sanitária, e concebe uma educação científica que caminha lado a lado com elementos literários e “prolegômenos da cultura”: os ensinamentos da “educação sanitária” deveriam estar presentes em leituras e provas escolares e “de par com os vários prolegômenos da cultura”. Dessa maneira, ao iniciar a criança na “sciencia da vida”, evita-se o “embotamento da razão com o papaguear de arengas poéticas e queixumes de amor”, construindo um caminho mais curto à longevidade e a uma existência mais saudável (CICCO, 1928, p. 25). Tal “sciencia”, para se efetivar, deve estar imbricada na formação do indivíduo, e não apenas ser um domínio restrito de especialistas e médicos.

Não se trata de fazer um inventário dos ideais presentes para depois reduzir a abordagem desse médico a um determinado contexto ou escola. Mas sim, capturar um movimento para compor um sentido que atravessa as práticas de Januário Cicco, procurando uma descrição diferencial a partir da tensão criada historicamente entre miasmas e micróbios como balizas que demarcam, na história das ciências e da saúde, um antes (arcaico) e um depois (moderno).

Para compreender a importância com um sentido macro, ligado à urbanização e higiene do espaço, é necessário adentrar um pouco nas suas reflexões e anseios, indentificando suas adesões e inspirações intelectuais e científicas.

Cicco encerra suas *Notas de um médico de província* defendendo a importância da *hygiene*. Está lá, Thomas Sydenham, situado em relação às suas inquietações da seguinte

⁷ Para Czeresnia a “lógica do pensamento hipocrático está presente também nas sucessivas formulações teóricas – especialmente as da vertente chamada geografia médica – que preservaram a intenção de atingir uma abordagem globalizante”, o que é o caso da “teoria dos focos naturais” de Pavlovski, conceito de território nosogênico, “elaborado pelo seguidor de Pavlovsky, Sinnecker (1971). Este, da mesma forma que Rosicky (1967), ampliou a concepção de Pavlovsky ao estudar a influência humana na transformação histórica das paisagens geográficas em que se desenvolvem focos naturais. (CZERESNIA, 2012, p.61)

⁸ É importante observar que a avaliação das condições *mesographycas* referem-se especificamente à relação dos indivíduos com o meio.

maneira:

Nessas condições e no estado atual da nossa civilização, o que resta ainda ao homem é fugir das moléstias, pela Hygiene, para nunca ter necessidade dos médicos, que acertam por acaso e curam com as resistências individuais; não esquecendo os candidatos à medicina a celebre resposta de Sydenham a um jovem clínico, que lhe perguntando “que livros aconselhava para se tornar um bom prático”, respondeu o “Hippocrate Inglês”: “meu amigo, leia Dom Quixote; eu leio sempre” (CICCO, 1928, p. 329).

A referência a Sydenham, em uma das suas anedotas mais conhecidas, está organizada na conclusão do trabalho de Cicco que expõe seus pontos de vista e experiências como médico. Aponta especialmente sobre a capacidade de curar dos hábitos saudáveis e o árduo trabalho do médico em buscar instruir a população nos princípios da *hygiene*, que deve, sobretudo, se nortear pelos “misteres da Saúde Pública: pregar o regime alimentar, a vida ao ar livre, o perigo do álcool, os horrores da sífilis, os males da vida sedentária, as vantagens do exercício físico e o cultivo da alegria” (CICCO, 1928, p. 196). Trata-se de um epílogo da apreensão coletiva que poderia muito bem ser sintetizada na assertividade de Cicco na última parte de suas *Notas...*:

[...] a longevidade e a saúde não estão nas farmácias e drogarias, mas na educação sanitária, convindo antes preparar o espírito das novas gerações contra as moléstias, abrindo-se nas escolas rudimentares cursos de hygiene, ensinando-se às crianças os meios naturais de fugir às moléstias, vivendo com a natureza, desenvolvendo a educando as resistências, aprendendo a lutar contra os elementos brutais da alimentação cárnea, os venenos de todos os vícios [...] (CICCO, 1928, p.301).

O sentido dessa síntese no trabalho de Cicco não deve encobrir sua menção ao *Hipócrates Inglês*, mas sim salientar a figura do mesmo, na medida em que dirige nossos caminhos para a *constituição epidêmica* de Sydenham, uma abordagem generalista retomada no início do século XX que parte de princípios hipocráticos e afirma, simultaneamente, a incompletude da abordagem microbiana. É nesse sentido de reatualização de pressupostos ligados à geografia médica, que se problematiza a monocausalidade dos pressupostos microbianos, que podemos situar a abordagem de Cicco para além da tensão entre miasmas/micróbios, traduzido nas iniquações historiográficas contemporâneas que traduzem tal tensão como um problema entre arcaísmo/modernidade.

Simultâneo ao processo de racionalidade científica moderno na Europa, houve uma importante maneira de abordar alguns pressupostos hipocráticos. Foi nesse sentido que

Thomas Sydenham, no século XVII, organizou formulações que definiu como a teoria da constituição epidêmica – valorizando a concepção dinâmica de corpo e doença. A constituição epidêmica, contudo, se aproximou dos aspectos geográficos, históricos e sociais. Em tais pressupostos, está a aproximação de Cicco, pois se estabelece uma conjunção com as práticas higienistas.

A configuração de uma tradição higienista, fundamentada por aspectos da constituição epidêmica, é muito importante para a história não apenas da epidemiologia, mas também para muitas outras disciplinas relacionadas, como geografia, ecologia e ciências sociais. Trata-se de uma prática que, como afirma Dina Czeresnia, apesar de fundada em compasso com a racionalidade científica moderna, não separava radicalmente natureza e sociedade (CZERESNIA, 2001, p. 349).

Essas articulações proporcionam um ângulo privilegiado para observar as considerações de Cicco sobre a medicina da Grécia Antiga, que se define como importante baliza: segundo o médico, há uma verdadeira estagnação intelectual em seu tempo, pois muitos preferem “viver com a velha medicina dos tempos que precederam os gregos na civilização indo-européia, cerca de 1800 anos antes de Cristo” (CICCO, 1928, p. 160). E de maneira notória, “a medicina, aparelhada hoje de instalações custosas, confirma pelos seus laboratórios as sentenças hipocráticas, proferidas sem o auxílio dos raios X e do ultra-microscópio” (CICCO, 1928, p. 13). O que Cicco indica como valores hipocráticos a serem retomados, trata-se também de uma articulação de elementos reatualizados que remetem a Thomas Sydenham, o Hipócrates inglês do século XVII.

Micróbio miasmático?

Januário Cicco, apesar de considerar os micróbios em seus textos, não mantém seu foco nesses seres por muito tempo, os mesmos não se tratam de elementos fundamentais que mobilizam seus argumentos e suas narrativas sobre o estado da saúde de pública de Natal ou suas experiências pessoais como médico. Mesmo quando o faz menção aos micróbios, volta-se rapidamente para questões relacionadas à formação do homem, aspectos coletivos e ênfase em aspectos da *hygiene*. O notório é que, sem todavia se considerar um higienista, “muito embora isso não seja título de ninguém”, como afirma o próprio Cicco (1920, p. 22), há uma afinidade para a resolução de problemas específicos e inquietações ligadas à uma dimensão espacial ampla, aos hábitos e à uma apropriada circulação dos ares e águas.

Contemporaneamente, a associação da teoria microbiana ao que é moderno e científico pode justificar a necessidade de se exaltar e destacar o aspecto microbiano nas práticas de Cicco, e, por outro lado, contornar os tópicos considerados “arcaicos” presentes como aerismo, eugenia e humores. Esse movimento pode buscar a determinação das defasagens e dos atrasos em julgamentos apressados, que buscam uma narrativa simplificada no contraste entre o arcaico e o moderno .

Vimos que Cicco e Sydenham possuem práticas diferencialmente entrelaçadas por alguns pressupostos hipocráticos, mas é o primeiro médico ainda está preso na tensão entre miasmas e micróbios. A tensão foi apontada, mas como historicizar tais elementos, e de que “micróbio” está se falando no tempo de Cicco, de que maneira o mesmo é apreendido? Tal indagação é necessária para entender que tanto o miasma quanto o micróbio são elementos que situam e mobilizam práticas, sendo ao mesmo tempo situados e mobilizados por um dado arranjo contextual. Tentar situar o micróbio, dessa maneira, é conferir historicidade ao mesmo. Talvez a partir dessa operação, poderemos mostrar que a dicotomia entre arcaico/moderno não é suficiente para lidar com a divisão miasma/micróbio.

Em Natal, no início do século XX, as denúncias à Inspetoria de Hygiene servem de um importante parâmetro para determinar, de maneira geral, de que forma as inquietações com a salubridade do meio colocavam em evidência os elementos perniciosos. Considerar, portanto uma implicação da espacialidade desse processo é fundamental, os micróbios, considerando suas especificidades históricas, podem ser definidos a partir do reconhecimento da natureza de suas relações, com os eventos específicos que definem sua espacialidade (SANTOS, 2006, p. 61). No caso aqui proposto, é necessário tentar situar historicamente as práticas, que são, por sua vez, situadas espacialmente pelo micróbio. Ou seja, um micróbio mais ou menos definido no tempo das reflexões de Cicco.

É importante destacar, que na tese de doutoramento de Januário Cicco pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1906, a noção de micróbio estava presente. Sua tese chamada *Ligeiras considerações sobre o destino dos cadáveres perante a higiene e a medicina legal*, defende de maneira enfática a cremação dos cadáveres, e considera a contaminação que resulta da exumação dos cadáveres um perigo para a saúde pública. Em seus argumentos, Januário Cicco aponta para o problema da dispersão de gases perniciosos:

Ao nosso ver, pois inumar o cadáver ou expo-lo ao ar livre, é concorrer quase igualmente para o mesmo fim: envenenar o ar que respiramos com os produtos de emanações cadavéricas. Se com a exposição os gases se difundem, à medida que são formados, por igualdade de circunstâncias, os

que se produzem no interior das sepulturas atravessam as camadas de terra e espalham-se da mesma forma na atmosfera (CICCO, 1906, p.4-5).

Para o argumento proposto nesse artigo, é sobretudo importante observar uma sensível indissociação entre gases insalubres e micro-organismos como causadores de males. O envenenamento do ar, na proposta de Cicco em 1906, se dá por uma causa conjunta que envolve tanto gases quanto toda uma sorte de “bactérias”. Esses dois elementos, apesar de serem distintos em relação a nomenclatura, agem de maneira indistinta no processo descrito.⁹ Após situada a base do raciocínio da tese de Januário Cicco, é necessário situar o entendimento do micróbio nas práticas de saúde pública a partir de fontes do início do século XX em Natal. É notório que desde a publicação de sua tese em 1906 até as suas publicações nos anos de 1920 há um refinamento das abordagens de Cicco, que se deslocam para a geografia médica e práticas de higiene, ainda sim, os micróbios devem ser observados a partir de diversas perspectivas para suas definições serem melhor situadas. O mais importante contudo, é tentar não enquadrar, de início, tais práticas em contextos previamente estabelecidos; o contexto deve ser um ponto de partida para observar como as práticas de saúde pública em Natal e as inquietações de Cicco se situavam. Avançaremos aqui sobre um ponto específico.

Ao serem realizadas diversas denúncias à Inspetoria de Hygiene sobre a falta de asseio em vários quintais de casas da Rua do Comércio (bairro da Ribeira), declarava-se que se constituíam fortes focos de micróbios perigosos para a saúde pública. Era necessário, portanto, segundo as normas vigentes registradas nos relatos da segunda década do século XX, o “estabelecimento de aparelhos sanitários” como “o único meio de obter-se a extinção completa dos micróbios”, e com “despesa diminuta”, afirma a nota do periódico, “tem-se o quintal asseado e a saúde isenta do mal que o micróbio comporta”¹⁰. Uma prática definida e aparatos são designados para solucionar um problema previsto, dessa maneira o micróbio (que é situado) pode ter sua atuação mais ou menos circumscreta conforme os procedimentos adequados. Mesmo que de maneira indireta, é possível rastrear o movimento, efeitos e expectativas sobre esses seres.

⁹ Também é digno de nota, que a questão dos odores nas análises médicas aparece de maneira bastante refinada, 22 anos depois, em *Notas de um Médico de Província* (1928), na medida em que Cicco também indica a importância dos odores na formulação de diagnósticos. A tendência de Cicco a inquirir sobre suas intuições e a buscar um nexos entre corpos e espacialidades a partir de odores específicos, remete à sua sensibilidade em relação às investigações hipocráticas e ao uso aparato perceptivo olfativo na clínica médica (ANAYA, 2011, p. 60-65).

¹⁰ Nota publicada no jornal *A República*, Natal, 14 out. 1914.

Que posição assumem esses inquietos micróbios mais próximos de Cicco e um pouco mais distantes de nós? De que maneira os mesmos podem ser redescritos? Januário Cicco ainda está entre miasmas e micróbios, mas de que maneira isso deixaria de ser uma escolha simplificadora entre o arcaico e o moderno? O conhecimento prévio de alguns pressupostos aeristas/miasmáticos é importante para que o relato jornalístico acima ganhe um sentido renovado.

Na operação sanitária sugerida como “o único meio de obter-se a extinção completa dos micróbios”, se fosse seguida uma lógica definida pela atualidade de nossos saberes contemporâneos, a relação entre “o estabelecimento de aparelhos sanitários nos quintais”, para que haja “a extinção completa dos micróbios”, pareceria de uma lógica mal costurada não é mesmo? Ou seja, o sentido dos micróbios no relato cria um contraste a partir do entendimento contemporâneo. A denominação pode ser a mesma, mas a maneira pela qual as práticas se mobilizam é diferente, esse micróbio do relato possui uma *atuação* diferente. Há uma relação direta feita entre micróbios do caso em questão com a sujeira, e supostamente com o mau cheiro – características salientes do domínio miasmático e aerista.

Aceitando o risco desse evento, e pedindo o perdão por esse arranjo impreciso: o nome da unidade básica de insalubridade poderia ser substituída, de micróbio para miasma e vice-versa, sem modificar de maneira radical o sentido do relato. Esse é um caso, entre tantos no período, no qual as porosidades na demarcação entre miasmas e micróbios podem ser entendidas e realçadas no movimento das práticas.

Com esse novo suporte, podemos compor um micróbio em movimento, uma composição sempre provisória e móvel, e por isso histórica. O mesmo não está no mundo como um ente isolado que conserva seu sentido independente das relações recíprocas que o co-constituem e o situam. Curiosamente, o próprio sentido de micróbio se mostra nos contrafortes do que seria um miasma – a força que os separa, irremediavelmente dá sentido à zona de contato entre ambos. São nessas articulações que se estabelecem as trajetórias variadas do miasma e (ou) micróbio em seus diversos “modos de existência”¹¹ que, como vimos, estão mais ou menos entrelaçados. Mesmo situando historicamente o que conhecemos hoje como micróbio, não podemos, entretanto, reduzir o mesmo ao seu conjunto de relações contextuais. Ou seja, mesmo que reconhecendo seu sentido situado a partir das relações, o micróbio é um elemento que provoca contingências, e não pode ser completamente exaurido

¹¹ Como propõe Latour (2006, p. 88), os “modos de existência” definem a historicidade dos elementos em uma validação retrospectiva, através da retomada de suas (re)definições sucessivas.

ou esgotado por nenhuma de suas versões e reconfigurações histórico-científicamente construídas. Trata-se, portanto, de um elemento elusivo e surpreendente¹².

É curioso também colocar nesse percurso que o advento da microbiologia relaciona-se, e não necessariamente se opõe ao higienismo em sua expressão aerista. Casos semelhantes ao descrito anteriormente não são raros, na medida em que, embora a preocupação com a sujeira, pobreza e imundície continuasse evidente, como afirma Sandra Caponi, “a legitimação das intervenções urbanas parecia estar no medo dos micróbios espalhados no ar” ao invés dos miasmas (CAPONI, 2008, p. 77). Dessa forma, é possível entender que a intervenção sobre o meio urbano na época, também se organiza ao redor de sensibilidades e hábitos historicamente situados. Tais práticas, contudo, eram balizados por elementos geradores de insalubridade que assumiam, em um período específico, papéis semelhantes.

No tocante à formação de Cicco, também é importante especular sobre as possíveis influências das ideias “ambientalistas” mobilizadas pela Escola Tropicalista Baiana¹³, e de considerar seriamente a hipótese de que tal movimento não esteve dissociado da própria Faculdade de Medicina da Bahia¹⁴, na qual Januário Cicco se doutorou em 1906. No período de sua formação, a disciplina ligada aos “infinitamente pequenos” ainda se consolidava no Brasil. A cadeira de bacteriologia foi criada na referida faculdade em 1901 e apenas em 1911 a mesma foi redefinida como microbiologia¹⁵.

De maneira surpreendente, o embasamento em pressupostos hipocráticos na relação entre meio e sociedade indicados nos escritos de Cicco acontecem de maneira simultânea e aprofundada, nos estudos de médicos ingleses: Sir William Hamer e Francis Graham

¹² Para entender melhor o caráter ontologicamente elusivo e irredutível do micróbio é necessário recorrer a um exemplo de Graham Harman sobre o peixe, que, a partir do princípio de irredução proposto por Bruno Latour, indica que: “o que é compartilhado igualmente por biólogos marinhos, indústria pesqueira e anciões tribais que contam mitos sobre divindades ictiosas é que nenhum desses grupos realmente sabe o que o peixe realmente é: todos devem negociar com a realidade do peixe, permanecer alerta aos seus esconderijos, padrões de migração, e propriedades sacras ou nutricionais” (HARMAN, 2009, p.26). Da mesma forma, o micróbio não pode ser reduzido à nenhuma relação, contexto e qualidades sensoriais relacionadas e dirigidas ao mesmo. Seguindo a proposta ontológica de Harman, o objeto real está sempre “retirado no interior das sombras do ser” (HARMAN, 2011, p.100), ou seja, “todo contato entre objetos reais é indireto, mediado pela realidade sensorial, e isso se aplica para gotas de chuva e pedras não menos que para os humanos. Nós precisamos observar esse reino 'sensorial' nos termos mais ultra-primitivos” (HARMAN, 2013, p.24)

¹³ “Um grupo de médicos que se organizou em torno de um periódico fundado em 1866, a *Gazeta Médica da Bahia* (1866-1915), à margem da Faculdade de Medicina existente na antiga capital do Brasil colônia [...] os tropicalistas permaneceram na fronteira entre o paradigma miasmático/ambientalista e a teoria dos germes” (BENCHIMOL, 2000, p. 266).

¹⁴ “[...] a *Gazeta Médica da Bahia* está historicamente vinculada à Faculdade de Medicina da Bahia. A Escola Tropicalista da Bahia, termo usado *a posteriori* para nomear tanto a associação de facultativos (mais nominal que real) e, sobretudo, a obra dos profissionais que publicaram na *Gazeta Médica da Bahia*, nunca esteve separada da Faculdade” (JACOBINA; GELMAN, 2008, p. 93).

¹⁵ Implantada pelo Decreto nº 3.890 de 01/01/1901. Para detalhes ver: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, 1832-1930*.

Crookshank - que desenvolveram seus estudos baseados na proposta de Sydenham. O trabalho de Crookshank (*First principles: and epidemiology*) foi publicado no mesmo ano em que Cicco publicou *Como se higienizaria Natal* (1920) e os escritos de Hamer (*Epidemiology old and new*) no mesmo ano de *Notas de um médico de província* (1928)¹⁶. Dessa maneira, muitos pressupostos referidos nos trabalhos e Cicco acontecem contemporaneamente e de maneira alinhada às propostas de Hamer e Crookshank. O estudo desses médicos na área de epidemiologia são situados historicamente em relação aos progressos da biologia e medicina modernas da seguinte maneira por Czeresnia:

Os sucessos pragmáticos da biologia e da medicina não conseguiram neutralizar as concepções de que a doença decorria de um desequilíbrio da integração entre constituição do corpo e meio ambiente. No processo de estruturação da epidemiologia como disciplina, Crookshank (1920) e Hamer (1928) buscaram precisar o termo constituição epidêmica, usando os conceitos de potencial epidêmico e de onda epidêmica [...] eles denunciavam que as explicações fornecidas pela bacteriologia era estreitas e incapazes de compreender o processo epidêmico na sua integridade. Retomaram, com o uso do termo constituição epidêmica, a perspectiva de estudar a epidemia como unidade singular [...] Crookshank e Hamer reivindicaram a necessidade de resgatar os elos entre natureza e cultura, entre biológico e social (CZERESNIA, 2001, p.353).

No processo de organização disciplinar da epidemiologia, os trabalhos de Hamer e Crookshank procuraram deixar mais preciso o termo *constituição epidêmica*, proposto originalmente por Sydenham no século XVII. A partir desse princípio, afirmavam que os pressupostos da bacteriologia eram insuficientes para compreender o processo epidêmico de uma maneira mais ampla, elementos que também podem ser capturados e alinhados na abordagem de Januário Cicco.

Os trabalhos de Hamer e de Crookshank, mesmo que ativamente presentes nos debates e referências do início do século XX, foram “praticamente banidos da história da epidemiologia nos manuais recentes” (CZERESNIA, 1997, p. 80). É especialmente por esse motivo que a aproximação da abordagem de Cicco com a dos respectivos médicos ingleses (seus contemporâneos) torna-se uma aventura de difícil composição histórica. Nesse caminho, a cada (re)atualização de princípios hipocráticos herdados por Sydenham, Crookshank, Hamer e Cicco, estão histórias das ciências permeadas por contingências: um constante e inacabado entrelaçamento de inseparáveis prolongamentos e reinvenções (STENGERS, 2002, p.90).

¹⁶ Para um estudo mais aprofundado sobre “o retorno à Sydenham” e consequentemente os pressupostos hipocráticos no início do século XX, Cf. Ayres (2002).

É imprescindível considerar o sentido histórico das práticas higienistas nas propostas do início do século XX. As mesmas são úteis para entender a aproximação das práticas e concepções médicas entre Cicco, Crookshank e Hamer. Como mostra Dina Czernia, a tradição higienista é importante tanto para a história da epidemiologia quanto da geografia, ecologia e ciências sociais, uma prática que integrava a esfera “do natural e do orgânico à esfera do espaço público emergente” (CZERESNIA, 2012, p.57)

A aproximação entre Hamer e Cicco, por exemplo, não apenas tende ao mesmo raciocínio, buscando uma provável herança no pensamento de Sydenham, como também é marcada por semelhanças notáveis na maneira de situar as questões relativas ao espaço e às estações do ano para a ocorrência das doenças. O raciocínio de Cicco se aproxima da ideia de *constituição epidêmica* de maneira explícita em *Como se Hygienizaria Natal* : “Natal, como todas as cidades e de acordo com as estações, tem as suas moléstias bem definidas; e daí, se pode classificar ou dividí-las em moléstias do começo e fim do inverno, as do começo e fim do verão e as comuns a todas as estações” (CICCO, 1920, p.12). Tal raciocínio não está distante do desenvolvimento de Hamer (1928) sobre a constituição epidêmica em *Epidemiology old and new*, que ao citar o trabalho de Crookshank (*First principles: and epidemiology*, publicado em 1920) afirma:

A própria doutrina [da constituição epidêmica] – originada por Hipócrates, revivida por Baillou, expandida por Sydenham – implica apenas que, durante os períodos naturais do tempo, os acontecimentos epidemiológicos em qualquer área definida, tendem a apresentar peculiaridades e particularidades que são mais ou menos distintas (HAMER, 1928, p.16).

Ao assumir a retomada de elementos hipocráticos, a postura de Hamer não deve ser tomada como ingênua. O raciocínio que privilegia a relação entre corpos e espaços, em um momento histórico de preponderância da clínica e microscopia, não deve ser avaliada como um retrocesso ou prática fora do lugar. Em que sentido poderíamos considerar o trabalho de Cicco prisioneiro das defasagens da periferia, ou problematizado na redução “arcaico x moderno” sabendo agora que abordagens semelhantes ocorriam de maneira simultânea na retomada de pressupostos hipocráticos a partir dos trabalhos de Sydenham? Certamente a pesquisa aqui realizada não possui espaço o suficiente para fazer afirmações conclusivas, porém, os indícios aqui apresentados parecem suficientes para lançar novas perspectivas sobre o tema e ajudar na redefinição de parâmetros já cristalizados pela historiografia relacionada.

É necessário avaliar a complexidade do processo histórico que forneceu as bases para

tal pensamento, de uma maneira que vá além de binômios cristalizados no próprio desenvolvimento de uma concepção rígida de ciência moderna. Considerando tais dificuldades, é possível avaliar esse processo na história da medicina, segundo o historiador Olivier Faure, a partir de uma ampliação dos horizontes históricos:

Reduzir o século XIX a uma evolução que fosse do mais especulativo ao mais bem demonstrado, do mais geral ao mais particular, do espiritualismo ao materialismo, seria uma construção redutora e tendenciosa. Se abandonarmos o mundo das ideias e olharmos o mundo dos Homens, veremos que diversas concepções de corpo animaram uma mesma geração (FAURE, 2008, p.55).

Indicação de percursos: *physis*

A partir da análise das informações, organização do pensamento e tendências em relação à maneira de pensar o espaço das enfermidades, as concepções de Januário Cicco apresentam uma forte zona de contato as propostas da *constituição epidêmica* retomadas por Crookshank e Hamer. Nesse pensamento está uma atualização de pressupostos hipocráticos que tornam sensíveis um nexos entre as relações corpo e espaço, privilegiado no conceito de *physis* (CZERESNIA, 2012, p.60-63).

A ênfase de Cicco em alguns elementos aqui tratados pode ser muitas vezes tomada em diversas narrativas como um descompasso, um reflexo do provincianismo natalense, como elemento fora do fluxo de um pretenso progresso científico linear. Porém, ao redescrever e recompor historicamente esses elementos, buscando um sentido relacional diferencial das práticas, abrem-se espaços para as imprevisibilidades na aventura da pesquisa. Nesse estado de espírito especulativo, com persistência (e alguma sorte), podemos inscrever novas “temporalidades confusas e complicadas numa temporalidade única e totalizante” (SERRES, 1990, p. 33).

Como observamos, tanto as concepções adotadas por Januário Cicco, pelo que pode ser entendido aqui de seu legado, quanto às práticas higienistas em Natal no período proposto, tocam em diversos pontos a concepção de *constituição epidêmica*. Tal abordagem partilha, de maneira geral, algumas indicações comuns das formulações gregas (pré-socráticas) em torno da *physis*, uma importante noção espacializante que continua a ser articulada por historiadores das ciências, químicos, biólogos e filósofos contemporâneos.

Physis significa desenvolver-se, manifestar-se por si mesmo. Tal conceito tem um sentido de totalidade: elementos mundanos, homens, animais, astros, vegetais e incluía as

divindades. A contraposição entre natural, psíquico e social, nesse sentido, não era aplicável – na medida em que todas essas dimensões estavam encerradas na unidade da *physis*: atuação de um princípio inteligente e criativo. Mesmo considerando certa “distinção entre homem e mundo, a relação entre eles foi pensada sem distanciá-los e dissociá-los um do outro” (CZERESNIA, 2001, p. 345-346).

A noção de *physis* indica importantes recorrências históricas que, como no caso de Cicco, ajudam a explorar uma não limitação por dicotomias presentes (moderno/arcaico), e a entender importantes recorrências históricas que problematizam simplificações históricas dualistas. O processo histórico de recorrências (mistos de prolongamentos e reinvenções) do sentido de *physis*, apontam, segundo Czeresnia:

como o novo está enraizado no velho, ou seja, que a construção do futuro roga pela compreensão e pela desconstrução das opções do passado e que a emergência do novo vincula-se à elaboração do antigo [...] O resgate da *physis* e da filosofia pré-socrática deve ser radicalizado e mais bem trabalhado no mundo contemporâneo (CZERESNIA, 2012, p. 63).

Também, como indicam Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, a partir do momento em que abrimos a possibilidade de descobrir o que pode ser chamado de natureza no sentido da *physis*, podem-se abrir caminhos de compreensão da complexidade de questões e desafios que se impõem nos processos históricos:

No momento em que descobrimos a natureza no sentido de *physis*, podemos igualmente começar a compreender a complexidade das questões com as quais se confrontam as ciências da sociedade. No momento em que aprendemos o 'respeito' que a teoria física nos impõe para com a natureza, devemos aprender igualmente a respeitar as outras abordagens intelectuais, quer sejam tradicionais, dos marinheiros e camponeses, quer a criada pelas outras ciências. Devemos aprender, não mais julgar a população dos saberes, das práticas, das culturas produzidas pelas sociedades humanas, mas a cruzá-los, a estabelecer entre eles comunicações inéditas que nos coloquem em condições de fazer face às exigências sem precedentes de nossa época (PRIGOGINE e STENGERS, 1991, p.225).

Referências

ANAYA, Gabriel Lopes. **Maus ares e malária**: entre os pântanos de Natal e o feroz mosquito africano (1892-1932). Natal, UFRN, 2011, 214f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do norte, Natal 2011.
A REPÚBLICA, Natal; Edição do dia 14 out. 1914.

- AYRES, José Ricardo de C. M. **Sobre o risco**: para compreender a epidemiologia. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, 2000, v. 5, n. 2, p. 265-292.
- CAPONI, Sandra. Corpo, população e moralidade na história da medicina. **Esboços**. Florianópolis, 2008. n. 9, v. 9.
- CICCO, Januário. **Como se Hygienizaria Natal**: algumas considerações sobre o seu saneamento. Natal: Atelier Typ. M. Victorino A. CAMARA & C, 1920.
- _____. **Ligeiras considerações sobre o destino dos cadáveres perante a higiene e a medicina legal**. Salvador: Typographia do Salvador, 1906.
- _____. **Notas de um Médico de Província**. Rio de Janeiro: Empresa Graphica Editora, 1928.
- CROOKSHANK, Francis Graham. **First Principles**: and epidemiology. Proceedings of the Royal Society of Medicine, 13, 1919-1920. p.159-184.
- CZERESNIA, Dina. Constituição epidêmica: velho e novo nas teorias e práticas da Epidemiologia. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, VIII (2). Rio de Janeiro, jul.-ago. 2001. p. 341-356.
- _____. **Do Contágio à Transmissão**: Ciência e Cultura na Gênese do Conhecimento Epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- _____. **Categoria Vida**: reflexões para uma nova biologia. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.
- DANTAS, George. Crise urbana em natal na virada para os anos 1920: impasses da modernização e saberes técnicos. **Risco**. São Paulo: USP, fev. 2006. p. 66-85.
- EDLER, Flávio Coelho. O Debate em torno da medicina experimental no Segundo Reinado. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, III (2): Rio de Janeiro, jul-out. 1996. p. 285-286.
- Escola de Cirurgia da Bahia (verbete). Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). **Casa de Oswaldo Cruz; Fiocruz**. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/escirba.htm> . Acesso em: 21/05/2013.
- FAURE, Olivier. Olhar dos médicos. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs) **História do Corpo**: da Revolução à Grande Guerra. Volume II. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.13-56.
- HAMER, Sir W. **Epidemiology old and new**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.; Broadway House: 68-74 Carter Lane, E.C., 1928.
- HARMAN, Graham. **Prince of Networks**: Bruno Latour and Metaphysics. Melbourne:re.press, 2009.
- _____. **The Quadruple Object**. Winchester, UK; Washington, USA: Zero Books, 2011.
- _____. The Current State of Speculative Realism. In: **Speculations IV**. Brooklin: Punctum Books, 2013. p. 22-28. Disponível em: <http://punctumbooks.com/titles/speculations-issue-iv/> Acesso em: 07.06.2013
- JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, Rio de Janeiro, out.-dez. 2008, n. 4, v. 15, p. 1077-1097.
- LATOUR, Bruno. A textbook case revisited – Knowledge as a mode of existence. In: HACKETT, Edward J.; AMSTERDAMSKA, Olga; LYNCH, Michael; WAJCMAN, Judy (eds.). **The Handbook of Science and Technology Studies**. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2008. p.83-112.
- LEWINSOHN, Rachel. **Três Epidemias**: lições do passado. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.
- LIMA, Pedro de. **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. Natal: Sebo

Vermelho Edições, 2003.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança**: Metamorfose da Ciência. Brasília: Editora UnB, 1991.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

SERRES, Michel. **Hermes**: uma filosofia das ciências. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

STENGERS, Isabelle. **A Invenção das Ciências Modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

VIEIRA, Enoque Gonçalves. **A construção da natureza saudável**: Natal (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFRN, Natal, 2008.

Recebido em: *07 de junho 2013*

Aprovado em: *23 de agosto de 2013*